

A PERSONALIDADE NEURÓTICA DO NOSSO TEMPO

Capitão de Artilharia
A. MACHADO DE PAIVA
Instructor da EsIE

1) INTRODUÇÃO

A cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara recomendou aos seus alunos a leitura do livro "A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo" da doutora Karen Horney, apresentando trinta questões sobre a obra.

O presente trabalho é um resultado desse estudo e as respostas estão inteiramente calcadas nas opiniões da autora.

Por se tratar de assunto a nossa ver atualíssimo, que diz respeito não apenas a psiquiatras, como também a assistentes sociais, professores, instrutores, militares ou civis, enfim para todos aqueles que necessitam lidar com pessoas neuróticas, o que poderá acontecer com qualquer um, além de ser significativamente importante para o próprio neurótico, trazemo-la a público, na esperança de, assim procedendo, estarmos contribuindo para o entendimento mais realista de um problema que se agrava, nos dias que correm, de maneira assustadora.

II) DESENVOLVIMENTO

I — Quem é Karen Horney?

Karen Horney, nascida em Hamburgo, Alemanha, em 1885, radicou-se e naturalizou-se nos Estados Unidos, onde veio a falecer em 1952.

Doutora em Medicina, dedicou integralmente sua vida ao desenvolvimento da psicanálise onde apresentou, partindo dos alicerces lançados por Freud, uma psicanálise de sentido mais construtivo, acentuando a importância dos elementos intrapsíquicos e intra-humanos, afastando-se, destarte, da ênfase dada por Freud ao instinto e à gênese e incluindo no quadro total de uma personalidade os fatores biológico, social e cultural.

Lecionou no Instituto de Psicanálise de Berlim, foi Diretora-Assistente do Instituto de Psicanálise de Chicago e professora do Instituto de Psicanálise de Nova York.

É a autora de várias obras de irrefutável valor no campo da psicanálise, como a em foco neste trabalho, "Conheça-se a Si Mesmo", "Nossos conflitos Interiores", "Novos Rumos na Psicanálise" e "Neurose e Desenvolvimento Humano".

2 — Qual a sua posição quanto à importância da 1.ª infância no aparecimento da neurose?

Podendo-se descrever uma neurose como um distúrbio psíquico suscitado por medos e defesas contra estes medos e por tentativas para encontrar soluções conciliatórias para tendências em conflito, não se pode deixar de entender que, em última análise, as neuroses⁽¹⁾ decorrem de experiências vividas na primeira infância, sendo importante, para entendê-la as influências modeladoras da afetividade nessa fase da vida. Crê a autora, entretanto, que nem por isso, dever-se-á focalizar a 1.ª infância com fascinação exclusivista, já que entende que as condições culturais é que irão dar peso e cor às experiências individuais, determinando sua forma particular.

3 — Por que afirma a autora que "não há uma psicologia normal aplicável a toda humanidade".

Porque, classificando-se como neuróticas as pessoas que apresentam reações diferentes dos indivíduos comuns, torna-se necessário obter uma concepção de normalidade que surge por intermédio da aprovação de certos padrões de conduta e sentimentos. Tais padrões, contudo, variam com a cultura, a época, a classe e o sexo o que nos permite afirmar que existe um sentimento de dúvida acerca da onisciência psicológica. Não é mais válido supor que uma nova descoberta psicológica revele uma tendência universal inerente à natureza humana.

4 — O que significam para a autora "neuroses de caráter" e "neuroses de situação"?

As segundas são as que podem sobrevir em indivíduos cuja personalidade, a não ser por isso, permanece intacta e indeformada, surgindo como uma reação a uma situação externa pejada de conflitos, enquanto as primeiras são o efeito de um insidioso processo crônico, em regra iniciada na infância e abarcando maiores ou menores porções da personalidade com maior ou menor intensidade, provocando deformações do caráter.

5 — Qual a diferença entre medo e ansiedade?

O medo é uma reação proporcional ao perigo que a pessoa tem de enfrentar, perigo este manifesto e objetivo, ao passo que a ansiedade é uma reação desproporcional ao perigo, ou até mesmo uma reação ante um perigo imaginário, de natureza oculta e subjetiva.

6 — Caracterize sumariamente a ansiedade. Descreva as maneiras pelas quais, em nossa cultura, procuramos escapar à ansiedade.

A ansiedade caracteriza-se por:

a) *sensação de inutilidade*. O neurótico sente-se inerte, fica reduzido a impotência e impressionado pela aparente desproporção de sua reação; indigna-se, como se essa reação fôsse uma demonstração de fraqueza ou covardia.

b) *aparente irracionalidade*. Nossa cultura dá muito destaque ao raciocínio e à conduta inteligente, encarando a irracionalidade ou o que possa assim parecer, como algo inferior. Para os neuróticos é mais penoso o deixar que qualquer fator irracional os governe.

c) *desarranjo interno*, sendo um incentivo a inspecionar algo dentro de nós mesmos. Em nossa cultura há quatro maneiras principais de escapar à ansiedade:

1.^a) Racionalizando-a, isto é, transformando a ansiedade em um medo racional.

2.^a) Negando-a, isto é, excluindo-a da consciência.

3.^a) Narcotizando-a, quer consciente e literalmente, como por exemplo por meio de bebidas alcoólicas ou entorpecentes, quer engolfando-se em atividades sociais por causa do medo de ficar sozinho.

4.^a) Evitando pensamentos, sentimentos, impulsos e situações que

7 — Por que se pode falar de uma personalidade neurótica de nosso tempo?

Porque as pessoas neuróticas, com peculiaridades essenciais comuns, possuem essas similaridades básicas intrinsecamente produzidas pelas dificuldades existentes em nosso tempo e em nossa cultura.

8 — Como funcionam a projeção e a repressão nos impulsos de hostilidade?

Qualquer impulso tem a capacidade potencial de produzir ansiedade e podemos dizer que a principal fonte de que promana a ansiedade são os impulsos hostis. *Reprimir* tais impulsos significa fazer-de-conta que tudo está bem e assim abster-se de lutar, originando uma sensação de inépcia. Processo reflexo, a repressão é o caminho mais curto e mais rápido para se fazer que a hostilidade ameaçadora desapareça da consciência ou seja impedida de penetrar nesta. Um segundo processo reflexo se instala, geralmente, com a repressão: o indivíduo *projeta* seus impulsos hostis sobre o mundo exterior. Assim, a primeira simulação, a repressão, exige uma segunda: *ele faz-de-conta* que os impulsos de destruição não provêm dele mas de alguém ou de algo no exterior.

9 — Por que a autora afirma que os impulsos de hostilidade são a principal fonte de ansiedade em nosso tempo ?

Porque a relação entre a hostilidade e a ansiedade não se esgota com a capacidade de a primeira gerar a segunda. O processo também funciona em sentido contrário. A ansiedade, quando baseada em um sentimento de se estar ameaçado, facilmente provoca uma reação defensiva de hostilidade. Esse efeito de reciprocidade entre hostilidade e ansiedade, uma sempre produzindo e reforçando a outra é que habilita-nos a compreender porque encontramos uma soma tão vasta de hostilidade implacável nas neuroses.

10 — Resuma em poucas palavras as causas do surgimento da hostilidade e suas reações na infância.

a) Falta de um autêntico calor humano e afeição resultante da incapacidade dos pais, criando um ambiente que lança as sementes de futuros sentimentos de insegurança.

b) Frustração de seus desejos, especialmente os da esfera sexual e ao ciúme. As crianças, como os adultos, podem aceitar um sem número de privações desde que as repute justas e necessárias, ou tendo em vista um determinado fim.

O importante é o ânimo com que são impostas as frustrações e não estas em si mesma.

O ciúme pode, também, exercer influências perturbadoras na formação do caráter e nas relações interpessoais.

c) Oposição hostil à família ou a algum de seus membros que obrigue a criança a lutar contra as ações de pais neuróticos.

d) Ameaças, proibições, punições, explosões de cólera ou cenas violentas testemunhadas pela criança ou intimidação indireta.

e) Exagerar-se verbalmente o amor paterno ou materno.

f) Fazer-se a criança sentir-se culpada por qualquer sentimento ou expressão de hostilidade.

g) Isolar-se ou obstar-se a criança em suas experiências próprias.

11 — Como a autora considera a frustração na infância e sua possível ação na estrutura básica das neuroses ?

Considera a frustração como uma fonte de hostilidade rebelde, mas não a única, afirmando que é mais importante o ânimo com que são impostas as frustrações e não estas mesmas. A questão de saber se a frustração por si mesma incita à hostilidade é de difícil julgamento, segundo afirma.

12 — Aponte e descreva os quatro meios principais através dos quais a pessoa procura, em nossa cultura, proteger-se contra a ansiedade básica.

- 1) Afeição
- 2) Submissão
- 3) Poder
- 4) Retraimento

1) A conquista da afeição serve como escudo contra a ansiedade, através do lema: *se você me ama, não me magoará.*

2) Na submissão o lema é: *se eu ceder, não serei magoado.* Com ela a pessoa concorda com todos e abstém-se de tudo que possa induzir ressentimentos.

3) O poder tem como lema: *se eu tiver poder, ninguém poderá magoar-me.* A pessoa procura obter segurança através de poder ou sucesso concreto, da posse, da admiração ou da superioridade intelectual.

4) Tem como lema: *se eu me retrair, nada poderá magoar-me.* É a fuga do mundo, procurando conseguir independência das necessidades internas e externas.

13 — Por que a pessoa que tem necessidade neurótica de afeição é paradoxalmente incapaz de amar?

Porque a fome de afeição, tão freqüente nas neuroses, indica sempre existência de ansiedade, que a seu turno produz hostilidade. Desta forma, ao mesmo tempo que o neurótico tem uma grande necessidade de amor (ansiedade), é incapaz de amar (hostilidade), já que sabemos estarem inextricavelmente entremeadas a ansiedade e a hostilidade.

14 — Descreva a necessidade neurótica de ser amado incondicionalmente.

Sabemos que a necessidade neurótica desenvolve-se nas seguintes condições: ansiedade, não se achar digno de ser amado, incapacidade para acreditar em qualquer afeição e hostilidade às pessoas.

A necessidade neurótica de afeição apresenta como primeira característica a sua natureza compulsiva: para o neurótico a afeição não é um luxo, ou uma fonte de vigor ou prazer, mas uma necessidade vital. Daí resulta uma supervalorização do significado do fato de se ser amado.

Essa necessidade pode focalizar-se em uma única pessoa, ou a certos grupos de pessoas e o neurótico pagará qualquer preço para obter o afeto, geralmente sendo condescendente e um dependente emocional.

Outra característica é a insaciabilidade do neurótico que pode aparecer sob várias formas. Daí podermos distinguir 3 tipos de pessoas neuróticas:

- a) As que anelam por afeição, sob quaisquer formas ou meios;
- b) As que se esforçam por alcançar afeição fracassam, e se retraem;
- c) As que, maltratadas no começo da vida, passam a ter profunda descrença em qualquer afeição.

15 — Em que a autora discorda de Freud a respeito da sexualidade e afeto?

No fato de que, enquanto Freud acha que existe uma conexão entre sentimento de afeto, expressões de ternura e sexualidade, a autora, embora reconhecendo a estreita relação entre ternura e sexualidade, julga ser mais cauteloso presumir a existência de duas categorias distintas de sentimentos que podem coexistir, transformar-se um no outro, ou substituir um ao outro.

16 — a) Que táticas usa o neurótico, a despeito de suas próprias dificuldades, para obter afeição?

b) Por que na maioria dos casos são peculiares ao sexo feminino?

a) Embora fatores psicológicos não obedeçam a categorias rígidas, podemos dizer que essas táticas são:

- suborno
- apêlo à piedade
- apêlo à justiça
- ameaças.

b) Porque, ao passo que os homens cresceram com a convicção de que tinham de realizar algo na vida caso quisessem chegar a ser alguém, as mulheres perceberam que por intermédio do amor, e somente dêste, poderiam alcançar felicidade, segurança e prestígio.

17 — Como caracteriza a autora o complexo de Édipo?

Considera-o, ao invés de um processo primário, o produto de diversos processos de diferentes espécies. Ele não é, para a autora, a origem da neurose, mas sim, êle próprio, uma formação neurótica.

18 — Caracterize, sucintamente, o desejo neurótico de poder, prestígio e posses em suas principais reações.

- 1) Esse desejo nasce da fraqueza;
- 2) Decorre, de a nossa estrutura social considerar o poder, o prestígio e as posses como fator de segurança;

- 3) Serve como defesa contra a ansiedade e como canal de descarga para uma hostilidade reprimida;
- 4) Serve como proteção contra o perigo de sentir-se ou ser considerado insignificante;
- 5) Desejo de impor sua vontade;
- 6) Nunca ceder;
- 7) Incapacidade para estabelecer qualquer relação em termos de igualdade.

19 — Quais as diferenças entre a competição normal e a neurótica?

- 1) O neurótico compara-se com os outros, mesmo em situações onde isso não seja o caso, isto é, com pessoas que não são, de maneira alguma, seus competidores e que não partilham de seus objetivos;
- 2) A ambição do neurótico não é só realizar mais do que outros ou ter maior êxito que estes, mas igualmente sem ímpar e excepcional;
- 3) Nas ambições neuróticas existe implícita a hostilidade.

20 — Quais as diferenças entre as posições de Freud, Adler e da autora quanto ao desejo de poder, prestígio e posses na espécie humana?

Adler presume que tais desejos constituem o traço supremo da natureza humana e sua intensificação nos neuróticos é por ele atribuída a sentimentos de inferioridade e à insuficiência de ordem física.

Freud considera a busca de prestígio como uma expressão de tendências narcisistas, imaginando-as como uma expressão do instinto de morte, fiel, portanto, à sua orientação biológica.

A autora dá ênfase ao papel desempenhado pela ansiedade na efetivação desses impulsos, divisando inferências culturais das formas pelas quais eles se exprimem.

21 — Apresente as principais características neuróticas das reações face à competição.

- a) O neurótico é movido por um impulso cego, indiscriminado e compulsivo a rebaixar os outros.
- b) Nas relações amorosas, as tendências do neurótico para vencer, subjugar e humilhar o parceiro desempenham vasto papel.

22 — Quais as reações neuróticas mais características do medo do fracasso e do medo do sucesso?

O temor ao fracasso é uma expressão do medo de ser humilhado. Qualquer falha converte-se em catástrofe. Face a este tipo de medo, ou

o neurótico redobrará os esforços podendo mesmo ficar desesperado em suas tentativas para evitá-lo ou, temendo que os outros identifiquem sua ambição, procurará parecer desinteressado, levando-o a não fazer esforço algum.

O temor ao sucesso decorre do receio da inveja rancorosa dos demais e, portanto, na perda de sua afeição. O neurótico apresentará uma forte compulsão, tão logo tenha dado uma boa saída ou feito qualquer sucesso.

23 — Como a autora analisa os sentimentos de inferioridade?

Considera-os uma combinação de tendências subestimadoras motivadas pela ansiedade aliadas à percepção de falhas realmente existentes.

24 — Caracterize o medo da reprovação e a auto-recriminação no sentimento neurótico de culpa.

O medo da reprovação, muito comum nas neuroses, faz com que o neurótico mostre-se supersensível a ser reprovado, criticado, acusado, desmascarado e pode-se estender a todos os seres humanos ou a um grupo menor.

Com a auto-recriminação o neurótico procura proteger-se contra o medo de reprovação como também induzindo uma reafirmação positiva, provocando afirmações tranquilizadoras em sentido contrário.

25 — Como Freud explica o masoquismo?

Baseado na hipótese segundo a qual há dentro do homem duas forças biológicas capitais: o instinto de vida e o instinto de morte. Esta última força, que visa à autodestruição, quando associada a impulsos libidinosos, produz o fenômeno do masoquismo.

26 — Que "lucro" obtém o neurótico através do sofrimento?

Ao mesmo tempo que faz com que ele obtenha afeição, auxílio e controle, permite-lhe esquivar-se a todas as exigências que os outros façam dele.

27 — Que explicação apresenta para a razão da satisfação advinda desse sofrimento?

O neurótico deseja tão pouco sofrer quanto qualquer outra pessoa. Esse sofrimento não é o que a pessoa quer, mas o que ela paga e a satisfação a que busca não é o sofrimento em si mesmo, mas sim uma renúncia do eu. A principal função desse sofrimento é a de exprimir acusações contra outros sob uma forma velada.

28 — Em que discordam Freud e a autora quanto aos impulsos masoquistas?

A autora considera-os a resultante de conflitos personalógicos, enquanto Freud fá-los resultantes de processos determinados biologicamente.

29 — Resuma os principais tópicos que a autora apresenta no capítulo "Cultura e Neurose".

1) O aumento de civilização tem de implicar, inevitavelmente, em um aumento de neuroses.

2) Há certas dificuldades típicas inerentes à nossa cultura que se refletem como conflitos na vida de todo indivíduo e que, acumuladas, podem suscitar a formação de neuroses.

3) A cultura moderna baseia-se, economicamente, no princípio da competição individual. O resultado psíquico dessa situação é uma tensão difusa de hostilidade entre os indivíduos.

4) A rivalidade entre pai e filho, mãe e filho, mãe e filha, um filho e outro, não é um fenômeno humano generalizado, mas sim a resposta a estímulos culturalmente condicionados.

5) Pelo fato de corresponder a uma necessidade vital, o amor é supervalorizado em nossa cultura.

6) Existem em nossa cultura certas condições explícitas que formam a base dos conflitos neuróticos típicos, como: competição e sucesso de um lado e amor fraternal e humildade de outro; incentivo de nossas necessidades e frustrações ao tentar satisfazê-las; liberdade do indivíduo e limitações reais.

30 — Que comentários (apreciação ou crítica) você pode apresentar sobre o livro que acabou de ler?

Poucas vezes um livro tratando de assunto tão complexo e profundo terá sido tão feliz no retratar em um quadro minucioso e preciso, o neurótico que vive entre nós, os conflitos que na realidade o governam, suas ansiedades e dificuldades que encontra em suas relações com outras pessoas e consigo mesmo.

O livro recomenda-se, sobretudo, pela simplicidade com que o assunto se desenvolve, sem rebuscamentos desnecessários, mostrando sem subterfúgios, um problema que é típico do nosso tempo e ao qual todos nós estamos sujeitos. Os temas são apresentados de maneira objetiva, em vocabulário acessível.

Em particular, sua leitura nos abre novos caminhos em um setor que Freud, Adler e outros grandes estudiosos do assunto, pareciam haver esgotado.

Ao final de sua leitura, se feita de maneira conscienciosa e atenta, sentimos muito mais capazes de entendermos os que possuem problemas da natureza abordados no compêndio, como também, e isso é muito importante, a nós mesmos.